PSICOLOGIA EXPERIMENTAL DA EXPRESSÃO MOTRIZ (*)

Na Psicologia Experimental o que mais interessa é aprender a técnica, o método.

Nesta disciplina, o tema mais debatido no último Congresso Internacional de Psicologia, realizado em Bonn (Alemanha) foi o da expressão. Isto constitui um índice do interêsse atual dos psicólogos por tudo o que represente exteriorização do psiquismo.

Até bem pouco tempo a técnica da expressão era a "gata borralheira" da Psicologia. O sucedido no Congresso a que nos referimos acima deve-se à nova orientação psicossomática. Há uma teoria psicomotriz da consciência que sustenta ser pelas expressões musculares involuntárias que podemos penetrar na psicologia individual.

Há diferentes tipos de expressão. Tôdas elas exteriorizam motivações. Mediante seu estudo podemos fazer inferências sôbre o psiquismo que as produz.

Antes de continuarmos, convém esclarecer a respeito do têrmo *expressão*. A Psicologia padece de falta de precisão na terminologia de sua linguagem. Usa e abusa de certas palavras: personalidade, instinto...

Expressão tem um conceito diferente em Psicologia, Física, Matemática. Etimològicamente, é "pressão de algo para fora". Opõe-se, assim, ao significado de *impressão*, que é "pressão para dentro".

Melhor ainda: *expressão é qualquer fenômeno que venha a ser signo de algo que permaneceria oculto sem sua existência.*

Na expressão vemos um *dado*, uma mensagem. Ela é a única que nos permite conhecer a realidade psíquica dos demais. Se não aprendêssemos, por sua expressão, as coisas dos sêres vivos, viveríamos em tremenda solidão.

A percepção do "eu" alheio é, atualmente, motivo de inusitado interêsse por parte de todos os psicólogos. Recordemos que, antes, a Psicologia era predominantemente introspectiva, isto é, a observação se fazia para dentro do próprio "eu".

(*) Apontamentos da aula ministrada pelo Dr. Emilio Mira y López na Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, de la Universidad Nacional de La Plata, em 1960, feitos pela Dra. L. Cotta de Varela.

Com o aparecimento do método experimental esta atitude mudou. Pelo método objetivo passou-se da introspecção à Psicologia de laboratório, isto é, à experimentação dirigida. Foi o auge da aplicação de aparelhos, os quais serviam de intermediários entre a realidade física e a realidade psíquica. Wundt, e seu Primeiro Laboratório Experimental de Psicologia, figura aqui em primeiro plano.

Essa foi uma Psicologia que poderíamos chamar "de salão" e que pretendia "medir a alma". Os psicólogos estavam cada vez mais satisfeitos com a precisão, cada vez maior, com que seus aparelhos mediam os dados ao mmg. Mediram, assim, a memória, a sensibilidade, os diferentes limiares etc.

Tôda essa falsa precisão de Piéron e seus colaboradores veio abaixo com a crítica das outras escolas psicodinâmicas, escolas essas que são as mais inquietas da Psicologia Analítica.

Os psicólogos desta nova corrente científica só teriam como aparelho um divã e abster-se-iam de fazer medições. Tratavam sòmente de compreender o sujeito, e compreendê-lo ainda melhor do que êle próprio se compreendia.

Eram estas duas atitudes opostas, cujo choque foi, naturalmente, dramático: por um lado, estavam os psicólogos científicos; por outro, os de atitude especulativa, filosófica. Por um outro lado ainda, estavam os psicólogos experimentais, que seguiam o critério de mentalidade e de objetividade estatística, também, os psicólogos que adotavam a posição psicanalítica.

Dito com outras palavras: os psicólogos partidários do método experimental, sujeitos ao critério científico rígido, participavam da atitude atomística; os outros, da atitude holística.

Entre ambas, surgiram umas escolas que se poderiam chamar intermediárias: a *configuracional* e a *de expressão*. Constituem uma ponta entre aquelas. Ambas participam do método da Experimental, usam o instrumental para achar as variáveis dependentes, porém sem chegar ao atomismo e sem deixar de lado a observação direta do sujeito.

Titchener (1904) não se atrevia a estudar o pensamento. Não contava ainda com aparelhos suficientemente precisos para isso. Apareceram, então, os testes. O primeiro dêles, o de Binet-Simon, é uma escala para medir a idade mental.

Imediatamente seguiram-se muitos outros. Já em 1910 não havia psicólogo que não tivesse em seu poder, pelo menos, 2 testes de sua autoria.

Porém, quando perceberam que o emprêgo dos testes necessitava do conhecimento das Matemáticas, produziu-se outro choque entre os psicólogos aferrados a usá-los e os que davam maior importância ao aspecto qualitativo.

Êstes últimos sustentavam que, melhor que medir um atributo, era ver de que maneira êsse atributo se manifestava exteriormente, espontâneamente, involuntàriamente, pondo em evidência o mecanismo do psiquismo que o produz.

A Fenomenologia, com Husserl, foi que deu impulso à Psicologia de expressão.

E, que expressões foram utilizadas, desde o princípio, para inferir o dinamismo do psiquismo? Muitas. Porém, contra o que parecia natural, não se incluiu entre elas a mensagem falada porque, atualmente, o homem domina de tal forma esta expressão que a fala transformou-se num obstáculo para chegar, por essa via, a seu conhecimento; mais do que para expressar-se autênticamente, hoje o homem utiliza a linguagem falada para dissimular seu verdadeiro "eu". (Um só exemplo ilustrativo: numa prova de Rorschach aplicada a uma monja, é difícil que ela confesse ver, numa das manchas, um órgão genital.)

Klages é um dos psicólogos que mais contribuiu ao estudo da Psicologia da expressão.

Há três tipos de expressão:

a) voluntária (a linguagem)

b) semivoluntária

c) involuntárias

As mais valiosas para o estudo do dinamismo psíquico são as *b*) e *c*).

As expressões de mãos e braços estão muito controladas pela consciência. Entram na categoria *a*), como, também, a fala.

Em troca, as extremidades das extremidades, como os dedos e os pés, aos quais chegam as ramificações mais finas e distantes dos nervos, entram na categoria *b*). Observa-se quando o sujeito está distraído. (Exemplo: tamborilar dos dedos durante um estado de impaciência ou movimento de vaivém de um pé, quando se cruza a perna correspondente.)

Os gestos semivoluntários veiculam um significado que independe da vontade que os produz.

As expressões involuntárias aparecem "a l'insu" do sujeito. Quando lhe chamamos a atenção sôbre determinado gesto, o nega, surpreendido. Não é consciente de havê-lo produzido. É interessante, para estudar êste tipo de expressões, a tela da T.V. As expressões involuntárias realizam-se à base dos músculos que não dominamos.

Quando começou a delinear-se a Psicologia expressiva? Quando se reparou que cada composto químico tem uma aparência determinada com caracteres próprios; assim, a pessoa, conforme esteja constituída bioquìmicamente, tem certos tipos de expressão.

Uma das técnicas da Psicologia da expressão é a Frenologia, criada por Gall. Êste, porém, cometeu o êrro de acreditar que as depressões cranianas deixavam em evidência uma deficiência dos centros cerebrais correspondentes às referidas depressões.

Por êsse motivo, a Frenologia está desautorizada. Sem dúvida, continua de pé a Fisiognomia, com os estudos realizados por Lavater, como continuador e colaborador de Gall. A Psicologia da expressão não a toma muito em conta pela relativa facilidade com que o sujeito pode controlar seus gestos faciais. Os músculos do corpo possuem mais antenticidade como expressão. Existe tôda uma arte baseada nela: a Pantomimia. Entre os artistas atuais que a praticam, citemos Barrault, que há pouco estêve entre nós.

O próprio Gall percebeu que é todo o corpo que expressa os estados anímicos. Não há solução de continuidade entre a imagem mental e a postura corporal. Foi comprovado — e todos nós podemos fazê-lo — com uma experiência simplíssima: vedam-se os olhos do sujeito e pede-se-lhe que sustente entre o dedo indicador e o polegar o fio de um prumo. Quando se lhe adverte que êste adquiriu relativa calma, pede-se ao sujeito que pense (porém sem mover a mão) em que imprime ao prumo um movimento giratório. Imediatamente o experimentador poderá observar como o prumo inicia um movimento de rotação. Que aconteceu? Uma transformação da tensão muscular, exagerada pelo prumo.

Outro divertimento de salão que se baseia no mesmo fenômeno consiste em buscar, com os olhos vendados, e levado firmemente pela mão de quem o escondeu, um objeto qualquer. Inconscientemente, o experimentador (neste caso, o que escondeu o objeto e serve de "guia mental" ao que o busca) aumenta a tensão da mão quando o sujeito se aproxima do lugar do esconderijo.

Por êste caminho foram os psicólogos percebendo a expressão motriz da escrita.

O que hoje se chama Grafologia científica ou Psicologia da Escrita começou recentemente, no princípio do século. O fundador da escola francesa, Crépieux-Jamin, foi seu sistematizador. Seu mestre, o abade Hipólito Michon, só havia feito grafologia empírica. Antes dêles publicaram-se trabalhos sôbre o tema da interpretação da escrita na Itália (Camilo Baldo); pode dizer-se, porém, que já em Aristóteles se fazem alusões grafológicas. (O têrmo "grafologia" foi dado por Michon.) Atualmente há as seguintes escolas: Alemã (Klages), Suíça (Max Pulver), Italiana (Marchesan), Espanhola (Matilde Ras).

Outra técnica é a Quirologia, que nada tem a ver com a Quiromancia. Foi um colaborador de Piéron, Vaschide, quem publicou, em 1904, na Editôra Felix Alcan, a obra "La Main", que lançou as bases da Quirologia. Révesz, psicólogo húngaro, ampliou logo os conhecimentos com várias publicações, entre elas "Die Hand".

Mediante a observação dos fenômenos vasculares, os da musculatura lisa e o traçado do encefalograma, infere-se o que se poderia chamar as modificações das posturas somáticas, implícitas a tôda mudança de atitude ou expressão. Se não o pudéssemos fazer em coincidência com as posturas mentais, não seríamos capazes nem de pensar.

O movimento e a ação são anteriores à linguagem falada e à consciência. Em efeito, o feto humano tem movimentos, ações reflexas etc., porém carece, em absoluto, de atividade consciente. Sucede o mesmo nas plantas e nos animais inferiores.

O movimento, dissemos, precede o pensamento. A Psicologia da expressão não é uma psicologia estática; não isola os fenômenos; é uma psicologia essencialmente dinâmica.

As inferências que tiramos das expressões involuntárias fazem referência ao aspecto das decisões das ações ainda não realizadas. (O prumo se move quando pensamos que vamos movê-lo.) Não reagimos ao presente como tal, mas como passado. Nosso presente psíquico é nosso futuro imediato. Todos pré-atuamos e esta pré-ação reflete-se nos músculos correspondentes. Temos posturas musculares implícitas referentes a fatos que ainda não nos ocorreu, mas correspondem ao que pensamos fazer.

Se observamos os passageiros de um trem no momento em que êste está para entrar na estação terminal, podemos observar que os mais impacientes se apressam em levantar-se para chegar ao primeiro vagão, pensando que, uma vez ali, chegarão antes. Os menos impacientes dobram o jornal, põem as luvas ou recolhem suas coisas. Os aparentemente pacientes continuam sua leitura. A verdade, porém, é que êstes também estão impacientes ante a iminente descida. Prova disso é que a tensão de suas pernas aumenta. Isto poderia ser verificado experimentalmente se aplicássemos em suas pernas um aparelho especial para medir a tensão muscular.

É nessa fase da pré-ação, onde mais se reflete a vida volitiva do sujeito. Além da parte propositiva, prospectiva do sujeito, a Psicologia da expressão é um valor enorme nos diferentes estados de atividade do pensamento etc.

A maior reunião de psicólogos estudiosos da "Feinmotorik" foi convocada, efetivamente, não por psicólogos, mas pela cadeira de Psiquiatria de Dusseldorf.

A impulsividade do sujeito é mais bloqueada nos estados neuróticos. O sujeito está cansado antes de fazer nada (síndrome de contenção de Fenichel). Isto é devido a que trabalha menos o músculo que está tenso. E o músculo se mantém em tensão quando existe um conflito mental.